

AUTOR DA DISCUTIDA «PARTIDA-LIVRE», REVELA-NOS
ALGUNS FACTOS DA SUA GLORIOSA CARREIRA



Xadrezistas, de atenção concentrada no tabuleiro, são intérpretes de uma das maiores organizações esportivas realizadas em Portugal

dama e rei ao meio, na primeira linha do tabuleiro, para cada jogador), a colocação inicial das peças é facultativa, restringida por leis próprias no sentido de respeitar a oposição simétrica das «figuras» de ambos os jogadores. O autor desta ideia chama-se José da Costa Moreira. O seu objectivo é evitar a memorização das aberturas.

Costa Moreira é o instrutor de xadrez na F. N. A. T.. Matéria prima não lhe falta. Por isso mesmo, a sua qualidade de inventor de um sistema heterodoxo de jogar o xadrez confere-lhe uma situação especial que tem sido apreciada de várias maneiras.

Francisco Lupi foi, cremos, a primeira pessoa que se insurgiu, nas colunas da Imprensa, contra a revolucionária ideia de Costa Moreira. Da controvérsia técnico-jornalística surgiu um repto. Lupi desafiou Moreira para um «match» em 12 partidas, declarando que daria a este 25 % de razão se lhe ganhasse 3 partidas, jogando sob as regras da nova modalidade.

O que se seguiu depois, deve o leitor saber através dos diversos jornais que se interessaram pelo assunto. Quisemos ouvir, por isso, directamente, um dos contendores — logicamente o autor da «Partida Livre».

Costa Moreira aceitou gostosamente ao nosso convite. Quem conhece José da Costa Moreira não se admirará se dissermos que a entrevista reduziu numa curiosa narrativa, que encheria algumas páginas da nossa Revista. O dom da palavra é um dos seus atributos mais característicos — e uma das armas mais influentes na defesa e preconização da Partida Livre...

José da Costa Moreira tomou a palavra... e, quase, não mais a largou! Ouçamos as suas curiosas declarações:

(Continua na página 6)

O meio xadrezístico, embalado na tranquillidade do seu «defeso» — e não marasmo, porque a época própria foi bem activa — foi subitamente sacudido por um facto que há muito se avizinhava: a reacção contra a famigerada Partida Livre — sistema de jogo análogo ao xadrez, aproveitando o seu tabuleiro e peças, e diferindo essencialmente na disposição inicial destas para principiar o jogo. Em lugar do sistema clássico (torres nos cantos, cavalos e bispos a seguir, e

ALERTA! ESTORIL É UM PERIGO...



O actual grupo de honra do Estoril Praia



A equipa de honra do Sporting da Covilhã

CLICHÉS feitos com películas e chapas LUMIÈRE

José Girão Gois, ciclo-turista do Estoril Praia, regressa de um raid ao Norte do País, na companhia de um camarada de Belém, e é muito aplaudido



Luta-se com invulgar energia no campo da Amoreira



Eloi e Simonyi disputam uma bola por alto, com vantagem para o homem do Estoril

TUDO MAIS BARATO
— TACAS E EMBLEMAS —
DE TODOS OS CLUBES
OURO, PRATAS E JOIAS
SÓ NA OURIVESARIA
MIGUEL A. FRAGA, L. DA
LARGO MARTIM MONIZ, LOJA 18
(PAVILHÃO DOS OURIVES)

O XADREZISTA COSTA MOREIRA...

(Continuação da página 3)

Costa Moreira ligado intimamente à divulgação do xadrez

— «Aprendi a jogar o Xadrez no Café Monumental, no Porto, em 1929, precisamente.

Havia então poucas pessoas que jogassem o Xadrez. O inquérito feito para organização do G. X. C. Academia, deu como existentes, no Porto, 26 xadrezistas...

Ora essa falta de aficionados obrigou-me a ensinar as regras do jogo para ler com quem jogar. Recordo-me que o meu primeiro aluno e adversário foi o Dr. Franklin dos Santos, então estudante como eu, e hoje Chefe dos Serviços Mecanográficos do C. T. T. — A grande dificuldade que nesse tempo havia em arranjar «parceiros» criava no espírito de cada xadrezista — falo por mim — um instinto de proselitismo, que se manifestava, numa, pelo ensino directo, e, noutros, pela propaganda através da imprensa.

Eu entusiasmei-me pelo jogo a tal ponto, que me dediquei aos dois processos de divulgação: escaquística, juntamente com outra forma de actuar: a organização de grupos.

— Foi mais ou menos nessa altura que apareceu a Revista «Estratégia», não? — aventamos.

— «Sim, é verdade. Foi até o seu director, o sr. Júlio Vasques — um nome que anda um pouco esquecido, e foi um dos maiores propagandistas do nobre jogo — que me cedeu o material tipográfico para ilustrar as crónicas de Xadrez cuja publicação iniciara, entre tanto, em «O Comércio do Porto» e na «Semana Tirsense». Aproveitando o poder divulgador do primeiro, fundei os Grupos de Xadrez das Círculos Académica e Avenida, Instituto Comercial do Porto e Clube Peniagens Portuguesas. Esta colectividade abriu cursos para o público, que elevaram o número de 16 sócios-xadrezistas para mais de 150, em menos de três meses.

E Costa Moreira prosseguiu:

«O «Instituto Internacional de Línguas Vivas e Comércio» criou uma cadeira de Xadrez, o mesmo sucedendo na Escola Comercial Raúl Doria, nesta, de colaboração com aquele grande propagandista de Xadrez que foi Trajano de Magalhães, há pouco falecido.

Estes três processos de propaganda (ensino directo, crónicas na imprensa e formação de Grupos) não me bastavam. Era preciso pôr à disposição do público material do jogo a preço económico.

Apresentei a ideia à Fábrica dos Bilhares Vitória, do Porto, cujo proprietário, também xadrezista, a acolheu favoravelmente.

E Costa Moreira esmiuçou os pormenores desta interessante iniciativa, dizendo:

«O modelo das peças e sistema económico de fabrico foi idealizado pelo professor norueguês Hans Krohn, director do citado Instituto I. L. V. e Comércio e o tabuleiro com as indicações para a notação alfabética, foi desenhado pelo pintor Heitor Vidal.

Pôde assim apresentar-se o conjunto de tabuleiro e peças pelo preço total de 18000 ao revendedor, com a intenção de ser vendido ao público por 20000.

— A intenção era boa — comentamos — Mas como lançou no comércio com tão diminuto lucro?

— Sim, foi muito difícil arranjar comerciantes que se contentassem com essa pequena comissão. De maneira que as primeiras casas que venderam o «Xadrez Popular» não foram os bazares, mas sim... as relojoarias!

Costa Moreira ri-se do nosso espanto, e explicou simplesmente:

«Nessa altura estava muito relacionado com este ramo de comércio, a que pertenciam o meu Pai e um tio meu.

Um compasso de espera no desenvolvimento do interesse pelo jogo-ciência

O nosso amável interlocutor continuou, após breve pausa:

«Em 1936 fui nomeado vogal da Federação, em representação do Porto, juntamente com o sr. Júlio Vasques. Nesta qualidade assisti a uma reunião da F. P. X. e fiquei muito desiludido ao verificar a falta do mais importante elemento de propaganda, que é o meu entender, o contacto com o público.

Quando regressei ao Porto, cerca de um ano depois, notei que também ali já

havia tendência para «burocratizar» a difusão do «jogo-ciência». Como não concordasse com tais métodos de trabalho, desinteressei-me e vi desaparecer, pouco a pouco, todos os Grupos de Xadrez do Porto e as acções das várias colectividades onde ele já existia.

A propósito devo dizer que os xadrezistas de Lisboa não são responsáveis por estes métodos, visto que não são consultados há muito tempo, nem sequer para designarem as Direcções dos Grupos de Xadrez de Lisboa e da própria Federação.

E acrescentou com energia: — Os dirigentes actuais mantêm-se abusivamente ao elemento sem se preocuparem com a opinião dos interessados.

Um movimento de grande propaganda: Os círculos de xadrez da F. N. A. T. e da Mocidade Portuguesa

A actividade xadrezista na F. N. A. T. — prosseguiu Costa Moreira, respondendo a uma nossa pergunta — começou há cerca de dois anos, com a minha visita a alguns Centros de Alegria no Tralhalho.

Os primeiros «Círculos de Xadrez corporativos» foram criados na C. A. T. dos Armazéns Grandela, Federação Nacional dos Produtores de Trigo, C. T. T., D. G. Serviços de Viação, Companhia Carris e Pessoal da F. N. A. T.

A frequência, de início, em qualquer dos «Círculos», era muito pequena, por desconhecimento das regras do jogo. Portanto, o primeiro trabalho foi ensinar-las. Para isso, a F. N. A. T. emprestava tabuleiros e peças e também vendia este material, pelo preço do custo, chegando a conceder prazos de um ano para o respectivo pagamento.

O ensino dos trabalhadores portugueses foi facilitado mesmo aqueles que não possuíam C. A. T., com a abertura da Escola de Xadrez Damilão de Odeira. Esta Escola começou por funcionar numa camarata da F. N. A. T. e acabou por se instalar no Palácio da Independência, em regime de colaboração com a «Mocidade Portuguesa».

O maior torneio de xadrez de todos os tempos em Portugal

A propaganda do Xadrez na F. N. A. T. — continuou Costa Moreira, no mesmo tom de narrativa — culminou em 1950 com uma organização em grande escala: o 1.º Torneio Corporativo de Xadrez.

Colaboraram 22 centros e o número de equipas inscritas foi de 120, englobando 165 jogadores, entre efectivos e suplentes.

Chegaram a funcionar simultaneamente, como V. deve lembrar-se, 39 mesas.

Alguns C. A. T., como o Banco de Portugal — vencedor do torneio — e o Lisgás, apresentaram 3 equipas, e vários outros, duas.

V. ainda não falou na Partida Livre! — notámos entretanto. O objectivo da entrevista não fora ainda sequer tocado!

Com certa relutância, de início, Costa Moreira aceitou todavia o novo rumo da nossa longa conversa.

O voluntarismo xadrezista ia divulgar os vários motivos e razões da «Partida Livre» que originou um dos mais discutidos casos entre os xadrezistas portugueses: o seu encontro com Francisco Lupi.

Essas declarações, do maior interesse, publicamos-las no próximo número.

VASCO SANTOS

CONSELHOS ÚTEIS SOBRE FUTEBOL

A «Casa Desportos», de Lisboa, publicou agora uma interessante edição «Conselhos úteis sobre Futebol», publicação de fácil consulta e que pelas suas dimensões poderá andar sempre no bolso dos adeptos e daqueles que se interessam pelo jogo.

O livrinho tem um pouco de tudo: história do futebol, ginástica para futebolistas, método de treino, conselhos a árbitros e jogadores, indicações para os enfermeiros-massagistas, e as Leis do Jogo, actualizadas. Trata-se, pois, de um compêndio de evidente utilidade.



Um esplêndido aspecto do 1.º Torneio Corporativo de Xadrez, organizado por iniciativa de Costa Moreira. O vasto salão das instalações da F. N. A. T. na Rua Vitor Cordon foi pequeno para albergar todos os participantes da prova!

2.ª DIVISÃO

OPERÁRIO afirma-se e CASA PIA oscila O BARREIRENSE é um "desconhecido"

Em tem prosseguido com toda a regularidade o «Torneio de Apuramentos da A. F. L. Realizou-se na última semana, mais uma jornada à quinta-feira. Eis uma sobreavista de trabalho de que os jogadores talvez se venham a ressentir. Deixemos o problema...

Nos jogos de quinta-feira...

E as surpresas continuam a acumular-se, formando já uma altura, respeitável.

O que surpreende primeiro que tudo, e salta com nitidez à vista, é a derrota sofrida pelo Casa Pia, no seu seio, entre gente amiga, em ambiente próprio, perante um Operário, que antes da prova principal não dera sinal de si! Mas o grupo da Graca entrou no Campeonato na primeira jornada realizada a uma quinta-feira, ganhando e convencendo. No domingo seguinte nova vitória. Concludente sem reticências... E então na quinta-feira última, veio a confirmação plena da sua capacidade: foi a Santo Amaro vencer o grande favorito.

O jogo foi dos melhores até agora realizados. Não exageramos, se dissermos mesmo, que foi o melhor! Viu-se futebol a sério, com trocas rápidas de esférico e de posições, com a bola a morder o solo. Um pormenor, que normalmente anda arreio das equipas das divisões inferiores. A vitória do Operário foi merecidíssima. O Casa Pia pode lamentar, aquele pontapé de Prates que o poste devolveu, e o remate de Lirio para as nuvens. Mas isso não faz esquecer as oportunidades de que o Operário dispôs. Vai bem inagado o grupo da Graca!

Na sua equipa, Antero e Alberto continuam a brilhar. Eis dois jogadores, cheios de possibilidades!

E o Casa Pia ainda está a tempo. A equipa tem aliceres! O nível grupo de Peyroteo, o Arroios, alcançou a sua segunda vitória. Nitida e indiscutível! O F. Benfica desiludido. Os seus jogadores praticam um futebol desordenado. Dão a sensação dos artistas impotentes, incapazes de finalizar uma obra. A equipa necessita de ser disciplinada nos seus esforços. O Arroios com muita juventude, aproxima-se a pouco e pouco da verdade. E não é do pé para a mão, que se forma uma equipa. O tempo fará o resto. O emetre é bom, e a matéria prima não desmerece.

Palmeense e Olivais num encontro muito igual, não passaram do empate. O resultado, 0-0, fez supor ineficácia das linhas avançadas. Isso aconteceu, com um pouco de valor das defesas à mistura. Dois grupos para trabalhar muito.

Onde está o Barreirense?

A interrogação tem a sua razão de ser. O Barreirense é clube de tradições habituado a voar, voos mais altos e largos. A equipa está ali, inteira. Uma

pedra valiosa a menos, não provoca o descalabro. Tanto mais que está já garantida a transferência de Custódio, do Vitória de Guimarães. O grupo vai recuperar, estamos certos. E a propósito perguntamos: que é feito do irmão de Armando Ferreira, o avançado-centro titular?

O Ginásio do Sul perdeu pela primeira vez. Tinha de ser. O Almada que conta agora, com o «Velhos» e energia Teixeira, que veio do Elvas, venceu pela tangente, depois de demonstrar superioridade nitida.

E o Montijo provocou a grande surpresa da jornada semanal: ir vencer a C. U. F., no seu próprio campo. Isto é prova de tomo. E a equipa lá segue, de cabeça levantada, e cheia de fé!

Nos jogos de domingo:

Resultados da A. F. L.:

F. Benfica, 0 — Casa Pia, 2.

Operário, 4 — Palmeense, 0.

Olivais, 1 — Alhandra, 2.

O Operário confirmou a sua posição. Conseguiu mais uma vitória, e esta clara, sobre a animosa equipa do Palmeense. Não merece discussão a justiça do resultado que alcançou. A equipa caminha bem. Que continue!

O Casa Pia ganhou fora de casa o que é sempre motivo de júbilo. A formação parece querer voltar ao primeiro plano. Possibilidades não lhe faltam, e os seus adeptos anseiam por isso. O jogo Olivais-Alhandra foi interessante de seguir tendo-se travado um duelo animado que interessou a assistência. O campeonato continua portanto a decorrer com grande interesse e emoção. Que se mantenha.

No Barreiro

Barreirense, 2 — C. U. F., 0.
Montijo, 2 — Covas da Piedade, 2.
Ginásio do Sul, 1 — Seixal, 2.
Luso, 2 — Almada, 2.

O Barreirense despertou! Tinhamos previsto isso mesmo. E o ritmo irá manter-se! Surpreende a derrota sofrida no próprio lar, pelo Ginásio do Sul. Os outros resultados normais. Uma pontinha de surpresa talvez, no jogo do Montijo...

A. J. DE FREITAS

com **Lumière**
não há más
FOTOGRAFIAS